

“Nós... e Ela”

Ana Lina Martins Teixeira. Enfermeira. Licenciada em Enfermagem. Hospital Dona Estefânia - Unidade de Adolescentes

Faz tempo, faz muito tempo e eu,... eu ainda não esqueci!!

Tinha chegado o dia do meu estágio de observação na Unidade de Neonatologia.

Abri a porta, entrei, disse «Bom Dia» e apresentei-me. Estava na hora das «ocorrências»! Os minutos passaram e com eles a passagem de turno aconteceu.

Esta passagem de turno tocou-me duma maneira especial, porque demonstrou o quão frágeis somos todos nós e o como é difícil aceitar a Morte. Será o medo, o medo inexorável frente ao desconhecido e a algo que não controlamos, que nos transcende? Por vezes torna-se impossível acreditar que a vida é possível! Que enquanto se está vivo, o estado do ser humano é presente e não alguém que está prestes a perecer! Por vezes, a Morte obriga-nos a dizer e a fazer «coisas» frias e insensíveis, meros protestos, imposições do nosso pensamento por forma a afirmar a nossa revolta, o nosso descontentamento e a nossa incapacidade para fazer seja o que for por aquela pessoa.

Bem sei, que a Morte é uma realidade inevitável, definitiva, desconhecida e constrangedora para os que ficam. Não o será certamente mais fácil para os moribundos, sejam eles adultos ou crianças recém-nascidas. Por tudo isto, penso que o moribundo nos merece grande respeito e acredito que ninguém merece ouvir, por exemplo: “Pior para ele se ainda não morreu!”.

Apesar de me considerar uma pessoa tolerante, existem certas coisas que aos olhos de terceiros podem parecer insignificantes, mas que vistos pelos meus ganham especial importância. A insensibilidade e a falta de respeito pelos outros são atitudes que me recuso a admitir. Acredito existirem limites para tudo. Até para defesa dos técnicos de saúde; não se pode ultrapassar as regras do saber estar, do humanismo, do encarar o outro até ao fim, com dignidade.

Será que nos esquecemos de que um dia também podemos vir a estar no papel de doente? Eu acredito que não, que não nos esquecemos!

Sei que a Morte «mexe connosco», mas penso que devemos aprender a dizer adeus sem entrar no espaço vital do outro (incluindo o dos moribundos). Afinal ela torna-nos todos iguais independentemente dos papéis e funções sociais, sem preferências nem preconceitos.

Termino consciente de que este desabafo, poderá originar alguma controvérsia; resta-me afirmar que é esse o meu propósito. Nós enfermeiros não podemos ser complacentes com a ideia falsa que «o que se passa com os outros não nos afectará e podemos, por isso, seguir felizes o curso da nossa vidinha».

Ainda acredito num Mundo em que os olhos estão abertos e os corações sensíveis aos que sofrem. Um Mundo a que pertencem também os Cuidados de Enfermagem. Um Mundo em que em qualquer circunstância, a Pessoa Humana e a Vida serão sempre respeitadas.

Contacto:
analeeleite@gmail.com

Recebido em: 20-05-2008
Aceite para publicação em: 13-10-2008